

ROMPENDO O CICLO DE VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA: CONCEPÇÕES DE MÃES QUE NÃO REPRODUZEM O ABUSO SOFRIDO NA INFÂNCIA COM SEUS FILHOS

Larissa Wolf da Rosa

Psicóloga, Mestre em Psicologia Clínica – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).
E-mail <lari.wrosa@gmail.com>.

Karla Rafaela Haack

Psicóloga, Mestre e Doutoranda em Psicologia Clínica – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: <krh.psi@gmail.com>.

Denise Falcke

Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia – PUCRS, Professora e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).
E-mail: <dfalcke@unisinis.br>.

RESUMO

As experiências de abuso na infância contribuem para o desajustamento psicológico adulto e tendem a ser transmitidas transgeracionalmente, conforme pesquisas nacionais e internacionais. Visando identificar concepções de mães que sofreram abuso na infância acerca do que as ajudou a não reproduzir atos de abuso com seus filhos, realizou-se um estudo qualitativo de delineamento exploratório, a partir do relato da história de vida de quatro mulheres, identificadas em estudo preliminar, que sofreram abuso e não o repetem com seus filhos. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e a construção do genograma familiar para ampliar a análise sobre a história dos participantes. O material foi compreendido a partir da análise de conteúdo, no qual as categorias e subcategorias foram definidas *a posteriori*. Os resultados indicam que a existência de modelos de identificação saudáveis na rede de apoio social, a maternagem, o processo terapêutico e as características individuais podem estar relacionados à resiliência, sendo fatores que podem contribuir para o rompimento do padrão de violência.

Palavras-chave: Abuso infantil, fatores de risco, resiliência

O aumento da incidência da violência intra-familiar tem causado preocupação na sociedade brasileira, principalmente porque a gravidade do fenômeno atinge o processo de desenvolvimento dos sujeitos envolvidos, do sistema familiar e da sociedade como um todo (De Antoni; Barone & Koller, 2007). Dentre os fatores que contribuem para o número elevado de casos de violência familiar, Delsol e Margolin (2004) consideram que a sociedade patriarcal, a desigualdade de poder e os papéis sexuais tradicionais influenciam nas relações familiares e, conseqüentemente, proporcionam maior ocorrência. Por se tratar de um

fenômeno complexo, outros fatores podem estar associados à presença de violência, dentre eles a tendência à repetição de experiências vivenciadas na infância. Praticamente a totalidade das pessoas que maltratam os filhos foram vítimas de violência na infância (Ceconello, De Antoni, Koller, 2003; Falcke, 2006; Mendlowicz & Figueira, 2007; Santos, Marin, & Castoldi, 2013; Silva Dahmer, Gabatz, Vieira & Mello Padoin, 2013). Entretanto, nem todas as vítimas se tornam abusadores.

Partindo disso, este trabalho propõe-se a investigar a história de vida de pessoas que foram vítimas de abuso na infância e não utilizam

a violência na educação de seus filhos. Por meio da análise da história de vida, pretende-se identificar possíveis fatores que tenham favorecido o rompimento do ciclo de violência familiar, ou seja, fatores que possam ser considerados tutores de resiliência.

VIOLÊNCIA NO CONTEXTO FAMILIAR

Entende-se a família como um grupo de pessoas ligadas por laços afetivos, mais do que pelos critérios de consanguinidade e coabitação que antes a caracterizavam (Wagner, 2002). Tais laços, entretanto, não se caracterizam somente como de carinho e afeto. A violência faz-se presente em muitos grupos familiares, trazendo repercussões na vida de pais e filhos (Durand, Schraiber, França-Junior & Barros, 2011; Hermel & Drehmer, 2013; Lettiere, Nakano & Bittar, 2012; Moreira, Martins, Feuerwerker & Schraiber, 2014; Santos & Moré, 2011).

São várias as formas de violência familiar, tais como o abuso físico, emocional, sexual e a negligência, e elas constituem fatores de risco para o desenvolvimento do sujeito (De Antoni & Batista, 2014; Sapienza & Pedromônico, 2005). O fator de risco é uma variável que aumenta a possibilidade de ocorrer no indivíduo algum efeito desagradável quando estiver exposto a ele. Existem dois principais fatores de risco que podem influenciar as relações violentas: as características pessoais e o contexto em que a família está inserida (Delsol & Margolin, 2004).

Indivíduos que vivenciaram ou testemunharam violência em sua família de origem terão maior probabilidade de repetir este comportamento na idade adulta (Apostólico, Nóbrega, Guedes, Fonseca & Egry, 2012; Silva Dahmer, Gabatz, Vieira & de Mello Padoin, 2013; Wareham, Boots & Chavez, 2009). Além disso, crianças expostas à violência doméstica são mais propensas a apresentar problemas de saúde, incluindo ansiedade, depressão e violência com seus pares (Pournaghash-Tehrani & Feizabadi, 2009), delinquência (Pastorelli; Steca; Gerbino & Vecchio, 2001), ideação suicida (Lai & McBride-Chang, 2001), dependência química (Nyamathi, Longshore, Keenan, Lesser & Leake, 2001) e repetição dos maus-tratos sofridos em seus filhos (De Antoni et al, 2007; Falcke, 2006; Mendlowicz & Figueira, 2007; Wareham et al., 2009). A violência familiar

ocorre em um ciclo transmitido de geração para geração, sendo fundamental a compreensão deste processo.

TRANSGERACIONALIDADE E A REPETIÇÃO DE VIOLÊNCIA

A literatura tem atribuído grande importância à relação entre a exposição à violência na família de origem e a violência conjugal (Marasca, Colossi & Falcke, 2013). Os resultados da pesquisa de Delsol e Margolin (2004) apontam que a violência na família de origem está associada à violência conjugal; entretanto, não é uma condição necessária para que ela ocorra.

Em seu estudo, Pournaghash-Tehrani e Feizabadi (2009) concluíram que testemunhar violência doméstica na infância pode prever a violência física e psicológica na vida adulta. Este estudo delineou a previsibilidade da ocorrência de determinados tipos de violência (física e psicológica), testemunhando e sendo vítima. De acordo com os autores, a experiência de violência na família de origem é um dos fortes preditores da ocorrência de violência em relacionamentos adultos, sendo que o padrão pode se repetir ao longo de três gerações.

Pesquisa realizada por Weber et al (2006), com 21 mulheres de sete famílias de classe média, demonstrou que em 91,7% dos casos ficou evidente a transgeracionalidade. As autoras justificam que as pessoas tendem a repetir os estilos e as práticas parentais aprendidos, entre elas a punição inadequada e os modelos inconsistentes. Entretanto, foram positivas as mudanças ocorridas nos casos de não-transmissão do modelo.

Existem diversos mecanismos de transmissão transgeracional, entre eles a teoria de aprendizagem social, a legitimidade da violência e a interrupção de vínculo/apego (Delsol & Margolin, 2004). A teoria de aprendizagem social refere que o modo como os pais se relacionam entre si influencia o modo como os filhos vão se relacionar. Se um dos pais for agressor, quanto mais a criança se identificar com ele, mais provável que adquira o mesmo comportamento. Wareham et. al (2009) informam que, pela teoria de aprendizagem social, os padrões de comportamento abusivo são comunicados e transmitidos de pais para filhos, sendo os modelos de comportamento reforçados quando o indivíduo percebe os resultados favoráveis do uso da agressão e da violência.

Considerando esta tendência referida na literatura para a repetição dos padrões aprendidos na família de origem, será que se pode concluir que as vítimas de violência estão condenadas, de forma determinista, a repetir os padrões aprendidos? Há possibilidades de rompimento do ciclo da violência? Embora a violência seja um fenômeno complexo e grave que atinge o desenvolvimento sadio dos sujeitos, há pessoas que se desenvolvem bem mesmo vivendo em ambientes de risco. Elas conseguem amenizar os efeitos negativos e produzem saúde (Silva et al, 2009). Através dessas pessoas, percebe-se a possibilidade de rompimento do ciclo de violência familiar.

ROMPIMENTO DO CICLO DE VIOLÊNCIA

Alguns fatores que contribuem para o rompimento da violência foram observados por Cecconello et al (2003). São eles: manutenção de um relacionamento amoroso estável; participação em psicoterapia ou em grupos de autoajuda e rede de apoio social bem estabelecida. Segundo as autoras, a rede de apoio social, a coesão familiar e a resiliência infantil podem ser fatores contribuintes para o rompimento do ciclo de violência em uma família. A resiliência é entendida como uma capacidade de pessoas ou de uma família de romper com a violência estabelecida e superar a situação.

Os fatores de proteção são recursos do indivíduo que possibilitam atenuar ou neutralizar o impacto do risco (Morais, Koller & Raffaelli, 2012; Sapienza & Pedromônico, 2005). Eles podem contribuir para minimizar o impacto da violência na família (Delsol & Margolin, 2004). De acordo com Weber et al (2006), algumas pessoas conseguem romper com o modelo parental aprendido na família de origem. Além disso, algumas alterações culturais, como a transição de modelos tradicionais nas famílias, valorizam a comunicação com os filhos e possibilitam mudanças no relacionamento parental. Portanto, compreender como funciona o relacionamento entre pais e filhos pode contribuir para a identificação de padrões disfuncionais, permitindo o rompimento do ciclo de violência.

O objetivo da presente pesquisa foi identificar percepções de mães que sofreram abuso na infância acerca da violência que sofreram, o impacto desta em suas vidas e, o que as ajudou a não reproduzir atos de abuso com seus filhos, buscando identificar fatores de risco e proteção

que possam ter favorecido o rompimento do ciclo de violência familiar.

MÉTODO

PARTICIPANTES

Participaram deste estudo, qualitativo, com delineamento exploratório, quatro mães, com idade entre 23 e 39 anos, residentes na região do Vale dos Sinos que, em um estudo preliminar, referiram ter sofrido experiências de abuso na infância e que não as repetem com seus filhos. O estudo prévio foi uma pesquisa quantitativa com 153 pais de crianças do 1^a ao 5^a ano do Ensino Fundamental, realizada com o objetivo de investigar as experiências de violência na família de origem e na educação dos filhos. Em relação às experiências dos pais em sua família de origem, identificou-se que 45,1% dos participantes foram vítimas de algum tipo de violência. A partir da comparação das experiências na família de origem e na família atual, os achados revelam que 55% dos participantes do estudo não sofreram violência e não a repetiam, 25% sofreram violência e a utilizavam com seus filhos, 20% sofreram, mas não repetiam, e nenhum dos participantes referiu não ter sofrido violência, mas utilizá-la. A Tabela 1 descreve as características das participantes:

INSTRUMENTOS

Entrevista semiestruturada: com o objetivo de conhecer a história de vida das participantes; quais foram as experiências mais marcantes no relacionamento com seus pais na infância; como foi a experiência de ser agredido por seus pais durante a infância; como foram seus relacionamentos afetivos; como é a relação que estabelece com os filhos; que modelo buscou para o desempenho de seu papel de mãe; a que fatores atribui ter conseguido dar aos filhos uma educação diferente daquela que recebeu de seus pais.

Genograma familiar: representação gráfica das relações familiares (McGoldrick & Gerson, 1995). Neste estudo, foi utilizado como forma de ampliar a análise sobre a história familiar das participantes especialmente no que se refere aos padrões transgeracionais.

Tabela 1. Identificação das participantes

	Bruna*	Cláudia*	Daniela*	Amanda*
Idade	39	23	28	29
Situação conjugal	união estável	união estável	união estável	união estável
Escolaridade	Ensino Fundamental	Ensino Fundamental	Ensino Fundamental	Ensino Médio
Número de filhos	4	1	2	2
Idade dos filhos	14, 18, 20 e 23	9	9 e 11	7 e 9
Profissão	babá	dona de casa	dona de casa	manicure

* Nomes fictícios.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS E DE PESQUISA

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da universidade (Parecer nº 08/018). A participação dos sujeitos na pesquisa foi voluntária e autorizada através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Todos os participantes do primeiro estudo que corresponderam aos critérios de inclusão (foram vítimas de maus-tratos e não agem da mesma forma com seus filhos) foram contatados. Conforme aceito o convite, agendaram-se as entrevistas, que foram gravadas e posteriormente transcritas. As mães foram entrevistadas individualmente, em diferentes locais, dependendo de sua disponibilidade. Todas as informações pessoais e os nomes das participantes foram mantidos em sigilo.

PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

O conteúdo obtido passou por uma análise de conteúdo que foi realizada seguindo as etapas descritas por Bardin (1977). As categorias e subcategorias foram definidas *a posteriori*.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Os resultados serão apresentados a partir de uma estrutura de categorias e subcategorias temáticas, elaborada a partir da análise das entrevistas. A seguir, será descrita cada categoria através de uma narrativa geral dos temas e de exemplos de falas das participantes.

I. Violência na família de origem

- a. Vivência de maus-tratos na infância
- b. Sentimentos mais marcantes
- c. Percepções sobre como a violência interferiu em sua vida.

II. Fatores de Risco

- a. Abandono materno
- b. Abuso de substâncias
- c. Tendência à repetição.

III. Fatores de Proteção

- a. Modelos de identificação na rede de apoio
- b. Psicoterapia individual
- c. Maternagem
- d. Características pessoais.

Figura 1. Estrutura de categorias temáticas derivada da análise de conteúdo.

CATEGORIA I: VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA DE ORIGEM

Nesta categoria foram examinadas percepções em relação à violência que sofreram na família de origem, quais são os sentimentos mais marcantes e como a violência interferiu em sua vida. Sendo subdividida em três subcategorias: vivência de maus-tratos na infância, os sentimentos mais marcantes e percepções sobre como a violência interferiu em sua vida.

a) Vivência de maus-tratos na infância: abrange os conteúdos relacionados às agressões que sofreram na família de origem. Elas referem ter sofrido muita violência e consideram-na como o fator mais marcante no relacionamento que tiveram com seus pais.

“Os meus pais eram bem mais agressivos, eles batiam mais, eles não conversavam, que nem agora a gente põe de castigo, a gente conversa e quando era criança não era assim, né? Espan-

cavam a gente. Até hoje a gente conversa, eu e meus irmãos, sobre isso, que a gente apanhou muito” (Amanda).

“Meu pai era o que mais batia. Minha irmã não era tanto porque ela era menor né, mas meu irmão assim apanhava bastante, de sangrar mesmo. Eu apanhava, lógico, mas não tanto que nem ele, mas isso machucou bastante, eu sinto mais pelo meu irmão, nem tanto por mim, eu sou muito apegada nele, mas machuca bastante ser criada assim. Meu pai era o que mais batia, qualquer coisa ele nem falava, não batia, ele espancava mesmo” (Cláudia).

“Era muito maltratada pelos meus pais. Sabe aquele tipo de coisa que mandam fazer que se você não for fazer, daí eles mandam, daí sapeçavam a vara e davam em ti?” (Bruna).

Outra participante relata que a experiência mais marcante que viveu no relacionamento com seus pais foi a separação deles e o fato de sua mãe ter ido embora, deixando-a.

“A separação dos meus pais e teve um fato, a minha mãe foi embora e abandonou a gente, eu e meus dois irmãos. Ela foi embora com outra pessoa e eu não me dava muito bem com o meu pai, foi onde eu encontrei o pai do meu filho, onde eu me ajuntei com 12/13 anos, engravidei e a gente se casou. Pra mim é o que me machuca até hoje” (Cláudia).

As participantes referem que não desejam a mesma experiência que tiveram aos seus filhos e não gostam de lembrar da violência sofrida.

“É marcante, é uma coisa que eu não quero pros meus filhos. Quando, às vezes, eu me estresso, eu me lembro disso. Quando às vezes as crianças tiram a gente do sério, daí vai dá um tapa, mas pensa: o que eles são contra a gente? Não... Então eu me lembro quando eu apanhava, fica marcado” (Amanda).

“Não desejo para ninguém. Sempre apanhei, desde que me conheci por gente. Que eu lembro assim, muitas marcas ficaram no corpo até hoje. Cicatrizes sabe, no coração e no corpo jamais foram apagadas” (Bruna).

c) Sentimentos mais marcantes: abrange os conteúdos relacionados ao que as participantes relatam sobre os sentimentos que ficaram mais marcados quando elas sofriam violência. As participantes falam de seus sentimentos em relação à violência sofrida por elas e outros membros da família, como os irmãos.

“Muita raiva” (Bruna).

“Ah, eu acho assim, ver meu irmão muito triste, chorando num canto, sangrando, e o pai achar que tinha razão, e eu num outro canto, chateada, porque, às vezes, apanhava os dois. O meu irmão acho que chegou a sair de casa uma vez também, porque meu pai não é pai dele verdadeiro, é pai de criação” (Cláudia).

“Eu não sinto muita raiva do meu pai, ele foi criado assim, até pior do que ele criou nós, né? Meus avós eram muito mais ruins. Então, pra ele foi pior que pra nós. Ainda bem que nós tinha a nossa mãe que defendia mais” (Amanda).

Uma das participantes relata que sentia muita raiva e impotência, pois no tempo em que sofria agressão não havia recursos que a ajudassem a sair da situação, como o Conselho Tutelar, por exemplo.

“Revolta, né, raiva, por minha mãe ver e não poder fazer nada. E a gente não poder sair dessa situação, porque naquele tempo não tinha Conselho como tem agora, essas leis que tem, a favor das crianças” (Daniela).

d) Percepções sobre como a violência interferiu em sua vida: abrange os conteúdos relacionados ao que os participantes relatam sobre o quanto e de que forma a violência sofrida interferiu em sua vida. Nesta subcategoria têm-se respostas bem diversificadas: duas participantes acreditam que a violência tenha influenciado negativamente em sua vida, uma não reconhece uma interferência direta, ainda que refira um amadurecimento precoce, e outra participante acredita que a violência tenha contribuído para que se tornasse uma pessoa melhor e amadurecesse antes.

“Eu vejo que tudo isso influenciou nos meus relacionamentos, como eu fui casada quatro vezes. Ele dava um grito dentro de casa, comigo ou com as crianças, aquilo ali já tomava pra mim. Daí não dava certo. Sabe aquela mãe que quer proteger os filhos? Então, eu sempre tentei achar aquela pessoa que eu pudesse dar a voz do comando e não ele. Hoje eu dou a voz do comando” (Bruna). “Eu também sou uma pessoa assim meio explosiva, porque isso me influenciou e se eu não me controlasse seria uma pessoa agressiva. Eu fico indignada mas aí saio de casa, da situação, sabe? Se um filho meu faz alguma coisa que posso fazer com raiva, saio de perto, pra mim não fazer uma coisa que eu não quero fazer. Depois, eu vou conversar, mas eu fico furiosa. Depois que eu tive filho, aprendi a me controlar muito, muito, muito” (Amanda).

Uma das participantes não sabe dizer se a violência que sofreu interferiu em sua vida, pois percebe que ela amadureceu mais rapidamente e se tornou mais independente antes.

“Não sei se interferiu. Eu aprendi, acho que cresci mais rápido, eu amadureci mais rápido, eu tive e queria ter minha independência logo, tanto que com 10, 11 anos eu já trabalhava numa casa de família. Queria ter minha independência e, depois que ele morreu e eu comecei a trabalhar nessas casas, não morei mais com a minha mãe” (Daniela).

Já outra participante acredita que a violência que sofreu de seus pais tenha contribuído para que se tornasse uma pessoa melhor e possa criar seu filho de maneira diferente daquela que foi criada por seus pais.

“Primeiro, pra que eu seja uma pessoa melhor, muitas pessoas dizem assim: Ah, porque eu apañei, porque meu pai fazia isso, minha mãe me abandonou, eu vou virar vagabunda, vou roubar, vou matar. Não é por aí! E outra, pra eu poder criar o meu filho melhor, eu crio hoje, eu acho que com amor, carinho, converso bastante, né? Lógico, tem horas que tem até que bater, né? Assim, a gente dá uns tapas, umas palmadas, mas nada do que eu passei. Serviu pra isso, pra que eu possa criar meu filho melhor, pra que ele não sofra o mesmo que sofri e pra ser o que eu sou hoje” (Cláudia).

CATEGORIA II: FATORES DE RISCO

Nesta categoria examinou, pela fala das participantes, quais foram os fatores de risco que contribuíram para a violência sofrida na infância. Esta categoria está subdividida em três subcategorias: abandono materno, abuso de substâncias e tendência à repetição.

a) Abandono materno: abrange conteúdos relacionados ao que uma das participantes relata sobre o abandono que sofreu de sua mãe quando pequena. Diz que sofreu muito, não tinha uma relação boa com seu pai, mas teve que ficar morando com ele. Sua irmã caçula foi superprotegida por ser a filha mais nova, e ela sofreu muita negligência e violência do pai nesse período.

“A minha mãe ter ido embora e nos abandonado, pra mim é o que me machuca até hoje” (Cláudia).

b) Abuso de substâncias: abrange os conteúdos relacionados ao que uma das participantes relata sobre o abuso que seus pais faziam do álcool. Relata que tanto os pais bebiam e nestes momentos se tornavam ainda mais agressivos. Diz que sua mãe parou de fazer uso do álcool há pouco tempo, quando começou a frequentar a igreja.

“O álcool faz a pessoa fazer qualquer coisa, né? Meu pai bebia, ele era alcoólatra. Os dois bebiam e aí ficavam mais brabos. Depois ela parou de beber e foi pra Igreja” (Bruna).

c) Tendência à repetição: abrange os conteúdos relacionados ao que uma das participantes relata sobre a tendência à repetição da violência sofrida. Amanda relata que, em alguns momentos, fica muito nervosa e tem vontade de bater e utilizar a violência, mas tenta se controlar utilizando outros recursos que aprendeu para resolver os conflitos. Acredita que esse impulso tenha relação com a violência que sofria do pai em sua infância.

“Sou uma pessoa assim meio explosiva, porque, também, se eu não me controlasse eu seria uma pessoa agressiva, eu fico indignada” (Amanda).

CATEGORIA III: FATORES DE PROTEÇÃO

Nesta categoria foram examinados os fatores de proteção que possam ter contribuído para que as participantes conseguissem romper com o ciclo de repetição da violência que sofreram. Está subdividida em quatro subcategorias: modelos de identificação na rede de apoio, psicoterapia individual, maternagem e características individuais.

a) Modelos de identificação na rede de apoio: abrange os conteúdos relacionados ao que as participantes relatam sobre os modelos de identificação saudáveis que tiveram e que contribuíram para a personalidade atual delas e para o rompimento do ciclo da violência. Os modelos que as participantes tiveram ao longo de sua vida, segundo elas, contribuíram para que pudessem dar aos filhos uma educação diferente da que receberam de seus pais.

“Eu encontrei um apoio muito grande na minha ex-patroa, que eu jamais achava que ia conseguir. Ela me ensinou o que os meus pais não me ensinaram. Uma boa educação. Saber tratar o próximo. Eu não sabia tratar o próximo, a não ser com palavras duras mesmo, rancor. Hoje não,

mudei bastante em função dela, porque ela me mudou. Como se diz, eu era um barro cru. Ela moldou. Na educação dos meus filhos, a base é ela” (Bruna).

“Depois que saí de casa, eu morei com a minha tia, trabalhava na casa dela, cuidava da filha dela e estudava. Eu vi muito sabe, agora ela já tem 18, 17 anos e como ela cuidava daquela filha, ela conversava. Ela era bem rebelde e ela conversava muito, e eu aprendi, eu vi a mulher que ela era, que eu tinha que ser, ela me ajudou muito” (Amanda).

b) Psicoterapia individual: abrange os conteúdos relacionados ao que uma das participantes relatou com respeito ao tratamento psicoterápico que fez em função da violência sofrida.

“Daí através dessa judiaria que sofri na infância, um médico disse que em função disse adquirir um câncer, e hoje eu faço tratamento pela clínica e pelo hospital. Que tudo que tu guarda pra ti, isso acarreta uma doença mais tarde. E daí veio a... eu tendo isso aí. Por isso, os médicos me encaminharam pra um psicólogo. A terapia mudou bastante a minha forma de pensar e eu fui perceber que as coisas que vivi não estavam tão erradas” (Bruna).

c) Maternagem: refere-se aos conteúdos em relação à gravidez precoce que duas participantes vivenciaram. Elas acreditam que o fato de terem engravidado cedo tenha contribuído para que amadurecessem mais rapidamente e pudessem criar bem seus filhos.

“Eu trabalhava, tive meu primeiro filho com 15 e tive um aborto com 14 anos, e logo depois engravidei de um menino. Me senti realizada! Primeiro filho, eu sempre queria. E queria ser o oposto, muito oposto do que eu recebi. A gente sempre quer dar o melhor, o que a gente não teve. Apesar de ser nova, já tava acostumada a cuidar das minhas irmãs, então eu já sabia, já tinha aquela responsabilidade, porque eu acho que hoje em dia não é porque é nova que não sabe cuidar, vai muito da cabeça da pessoa” (Daniela).

d) Características pessoais: abrange os conteúdos relacionados à personalidade das participantes. Elas relatam que sua força de vontade e suas características contribuíram para que pudessem criar seus filhos de maneira diferente, e foi seu desejo de mudança que contribuiu para o rompimento da violência.

“Acho que nunca teve alguém que ajudou, eu sempre quis mostrar pras pessoas que era capaz. Sou muito orgulhosa, quero mostrar pras pessoas que posso e que consigo. Então, fui atrás acertando e errando, mas eu fui atrás, buscando o que acho que é certo, o que a gente acha que é certo. Dependendo do que os outros vão falar ou deixar de falar, pra mim não importa, vou pelo que eu acho” (Cláudia).

DISCUSSÃO

Na análise dos dados foram identificados fatores de risco que podem contribuir para a exposição à violência na família e fatores de proteção que favorecem o rompimento do ciclo de repetição. Os fatores de risco identificados foram: abandono materno, abuso de substâncias e tendência à repetição. A pesquisa realizada por De Antoni et al. (2007) identificou quatro categorias referentes aos indicadores de risco em famílias com histórico de abuso físico parental.

Uma categoria apontada são as práticas educativas da família de origem, isto é, práticas disciplinares ineficazes. Em todos os casos analisados neste estudo os pais das participantes utilizavam a violência física como prática educativa na criação dos filhos. A literatura aponta que estratégias coercitivas que utilizam força física para educar são ineficazes e estão associadas a problemas de desenvolvimento e comportamentais (Patias, Siqueira, & Dias, 2012).

Uma segunda categoria apontada pelas autoras diz respeito às patologias, sendo que um fator de risco nesta categoria é o alcoolismo, que é frequentemente associado à violência pela literatura (Albuquerque, Santos Barros, & Schraiber, 2013; Tondowski et al., 2014; Vieira et al., 2014). Neste estudo, identificou-se na fala de uma das participantes o uso abusivo de álcool, tanto da mãe quanto do pai. A terceira categoria indicada pelas autoras refere-se aos comportamentos agressivos no relacionamento familiar atual, que diz respeito à maneira como a família interage. De acordo com as autoras, 40% das famílias alegaram a existência de violência entre as relações familiares e 70% vivenciarem violência conjugal. Como no estudo as participantes são pessoas que conseguiram romper com a violência da família de origem, não foi identificada violência nas famílias das participantes deste estudo. Além disso, as autoras identificam uma quarta categoria que diz

respeito ao papel familiar, isto é, às formas como são desempenhados os papéis na família, sendo que foram identificados nesta categoria: gravidez na adolescência (como sendo um fator de risco), não-reconhecimento da paternidade, interferência da sogra, sobrecarga de papéis e adolescência dos filhos. Em relação a essa categoria, no estudo há dois casos nos quais foi identificada a ocorrência de gravidez na adolescência; no entanto, diferentemente do estudo apresentado pelas autoras, identificou-se a possibilidade de, nesses casos, a gravidez ter se constituído como um fator de proteção por possibilitar à adolescente maior responsabilidade e cuidado com o bebê.

Compreendendo a história de vida de pessoas que sofreram violência na infância e não a repetem com seus filhos, é possível analisar alguns fatores que contribuíram para o rompimento da violência. Apontaram-se diversos fatores de proteção que parecem ter propiciado o rompimento do ciclo de violência familiar. Dentre eles, um primeiro fator de proteção é a existência de pessoas importantes na vida das participantes, ou seja, modelos de identificação que permitiram dar novos sentidos para as experiências vividas. No caso de Bruna, percebeu-se o quanto foi fundamental o papel que sua ex-patroa desempenhou em sua vida. O cuidado e a singularidade que a ex-patroa demonstrava por sua filha permitiram que Bruna tivesse um modelo de identificação saudável para educar seus filhos. Já Amanda teve como referência uma tia que lhe possibilitou querer dar aos filhos uma educação diferente daquela que recebera. Igualmente, vê-se a importância do marido e de padrões na vida de Cláudia que, não querendo seguir o exemplo de sua mãe, aprendeu a cuidar e educar seu filho a partir desses outros modelos e do esforço que fez para fazer diferente.

No estudo realizado por De Antoni et al (2007) com famílias que tinham um histórico de violência física foram identificadas três categorias de indicadores de proteção: rede de apoio social e afetivo, valorização de conquistas e desejo de mudança. De acordo com as autoras, a rede de apoio social diz respeito às pessoas ou às instituições das quais receberam apoio. Nos casos apresentados neste estudo percebeu-se a importância da rede de apoio para as participantes. O desejo de mudança, outro fator de proteção apontado no estudo de De Antoni et al (2007), também é identificado neste estudo e diz respeito às expectativas futuras das vítimas de se dedicarem a cons-

truir vínculos diferentes daqueles vivenciados em sua família de origem.

Outro fator de proteção identificado na história de vida de uma das participantes foi a psicoterapia individual. Bruna relata que a psicoterapia contribuiu para que compreendesse melhor os traumas vividos. Na fala de Bruna percebe-se que a psicoterapia colaborou para que ela desse um novo significado a suas experiências e pudesse pensar na forma como gostaria de educar seus filhos. De acordo com Ceconello et al. (2003), um dos fatores que contribui para o rompimento da violência em famílias nas quais os pais sofreram maus-tratos na infância é a participação em psicoterapia ou em grupos de autoajuda.

Em relação à maternagem, também um fator de proteção apontado, duas participantes relataram ter sido mães muito precocemente e acreditam ter amadurecido mais rapidamente em função da gravidez e do cuidado com os filhos. No contexto de violência, percebe-se que a maternagem pode ser um fator de proteção no momento em que possibilita à mulher cuidar, maternar. De acordo com Cyrulnik (2005), pessoas expostas a situações de violência tendem a casar cedo, formar um casal estável e tornar-se pais precocemente. Essa responsabilidade dá a oportunidade de se tornar responsável por uma criança, e este pode ser um importante tutor de resiliência. É evidente que a parentalidade adolescente pode trazer uma série de riscos para o desenvolvimento infantil, mas, nesse caso, o adultismo precoce, segundo o autor, possibilita às pessoas a oportunidade de dar, de cuidar, o que pode se caracterizar como tutor de resiliência.

Apontam-se ainda como importante fator de proteção as características pessoais das participantes. As participantes relatam que a vontade de não querer repetir o comportamento parental contribuiu para que dessem a seus filhos uma educação diferente daquela que receberam de seus pais.

De acordo com Poletto, Wagner e Koller (2004), existem três fontes de resiliência: atributos do ambiente, atributos pessoais e atributos do funcionamento psicológico. Como atributo do ambiente, as autoras utilizam como exemplo a maternagem, que inclui responsividade às necessidades da criança e oportunidade para modelar comportamentos, desenvolvendo a criatividade e a expressividade. Em relação aos atributos pessoais, são constatadas idade precoce na ocasião do trauma e separações precoces; já os atributos

psicológicos de uma pessoa resiliente incluem capacidade de resolver problemas, autonomia, autoestima, empatia e capacidade de planejamento. Nos casos apresentados, não se aplica o critério de precocidade em relação aos atributos pessoais. O atributo do funcionamento psicológico é encontrado em todas as participantes, que demonstraram grande autonomia e capacidade para resolver problemas e planejar o futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse estudo evidencia-se a possibilidade de rompimento do ciclo da violência. Com isso, destaca-se também a necessidade de intervenções que promovam a capacidade de resiliência, fazendo com que pessoas que foram vítimas de violência na infância não repitam os maus-tratos na vida adulta.

Foi possível perceber que as participantes do estudo possuem, em sua história de vida, diferentes indicadores do que possa ter favorecido o rompimento da violência. Embora tenham sofrido durante a infância, existiram tutores de resiliência que lhes possibilitaram dar um novo sentido para sua vida e para o sofrimento vivenciado na família de origem. Dedicando-se ao estudo dos tutores de resiliência, Cyrulnik (2005) considera vínculo e sentido como fatores determinantes. O autor refere à importância de outros significados e de o ambiente cultural permitir algum tipo de significação para a experiência traumática vivenciada. Nesse sentido, torna-se um desafio para os profissionais da Saúde possibilitar que esses tutores de resiliência cheguem à realidade das vítimas de abuso. Corroborando tal perspectiva, Poletto et al. (2004) acrescentam que o enfoque da resiliência são as situações que visam ao desenvolvimento positivo e sadio. Consideram as autoras que a criança é atuante em relação ao ambiente, e quanto mais resistente ela for às condições desfavoráveis, mais desenvolverá estratégias que a beneficiarão.

Sendo assim, os resultados do presente estudo indicam que podem ser considerados fatores que favoreceram o rompimento do ciclo da violência: 1) a existência de modelos de identificação saudáveis na rede de apoio social, que se refere ao contato com pessoas significativas que possibilitaram aprendizados diferenciados; 2) maternagem, no sentido de possibilitar a experiência de cuidado, de aquisição de responsabilidades e de trocas afetivas; 3) processo terapêutico como forma de

ressignificação das experiências vivenciadas e 4) características individuais como flexibilidade, desejo de mudança e força de vontade, que foram encorajadoras no enfrentamento dos desafios.

Este estudo possui algumas limitações, como o número de participantes pequeno, e ser composto apenas por participantes mulheres. Além disso, por ser uma pesquisa qualitativa, os dados não podem ser generalizados.

Os possíveis tutores de resiliência devem ser considerados em futuras intervenções psicológicas com vítimas de violência intrafamiliar, para que as experiências de violência vivenciadas na família de origem não sejam deterministas de um destino infeliz, mas se constituam em uma bagagem de experiências que possam ser ressignificadas de forma a contribuir com o crescimento pessoal do sujeito.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, F. P., Santos Barros, C. R., & Schraiber, L. B. (2013). Violência e sofrimento mental em homens na atenção primária a saúde. *Revista de Saúde Pública*, 47(3), 531-539.
- Apostólico, M. R., Nóbrega, C. R., Guedes, R. N., Fonseca, R. M. G. S., & Egry, E. Y. (2012). Características da violência contra a criança em uma capital brasileira. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 20(2), 266-273.
- Bardin, L. (1977). *A análise de conteúdo*. São Paulo: Martins Fontes.
- Durand, J.G; Schraiber, L.B.; França-Junior, I.; Barros, C.. (2011). Repercussão da exposição à violência por parceiro íntimo no comportamento dos filhos. *Rev Saúde Pública*, 45(2), 355-64.
- Carter, B.; McGoldrick, M.; e cols. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cecconello, A.; De Antoni, C. & Koller, S. H. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, 8, 45-54.
- Cyrulnik, B. (2005). *O murmúrio dos fantasmas*. São Paulo: Martins Fontes.
- De Antoni, C.; Barone, L. R., & Koller, S. H. (2007). Indicadores de risco e de proteção em famílias fisicamente abusivas. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 23(2), 125-132.
- De Antoni, C., & Batista, F. A. (2014). Violência familiar: Análise de fatores de risco e proteção. *Diaphora*, 14(2), 26-35.

- Delsol, C. & Margolin, G. (2004). The role of family-of-origin violence in men's marital violence perpetration. *Clinical Psychology Review*, 24(1), 99-122.
- Edelson, J. L.; Mbilinyi, L. F.; Beeman, S. K. & Hagemester, A. K. (2003). How children are involved in adult domestic violence: results from a four city telephone survey. *Journal of Interpersonal Violence*, 18(1), 18-32.
- Falcke, D. (2006). Filho de peixe, peixinho é: a importância das experiências na família de origem. *Colóquio*, 3(2), 83-97.
- Hermel, J. S., & Drehmer, L. B. R. (2013). Repercussões da violência intrafamiliar: Um estudo com mulheres em acompanhamento psicológico. *Psicol. argum*, 31(74), 437-446.
- Lai, K. W. & Mcbride Chang, C. (2001). Suicidal ideation, parenting style, and family climate among Hong Kong adolescents. *International Journal of Psychology*, 36(2), 81-87.
- Lettiere, A., Nakano, A. M. S., & Bittar, D. B. (2012). Violência contra a mulher e suas implicações na saúde materno-infantil. *Acta Paul Enferm*, 25(4), 524-9.
- Marasca, A. R., Colossi, P. M., & Falcke, D. (2013). Violência conjugal e família de origem: uma revisão sistemática da literatura de 2006 a 2011. *Temas em Psicologia*, 21(1), 221-243.
- Mendlowicz, M.; Figueira, I. (2007). Transmissão intergeracional da violência familiar: o papel do estresse pós-traumático. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 29, 88-89.
- Morais, N.A., Koller, S., & Raffaelli, M. (2012). Rede de apoio, eventos estressores e mau ajustamento na vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. *Universitas Psychologica*, 11(3), 792.
- Moreira, T. D. N. F., Martins, C. L., Feuerwerker, L. C. M., & Schraiber, L. B. (2014). A construção do cuidado: o atendimento às situações de violência doméstica por equipes de Saúde da Família. *Saúde e Sociedade*, 23(3), 814-827.
- Nyamathi, A. M. & Longshore, D.; Keenan, C.; Lesser, J. & Leake, B. D. (2001). Childhood predictors of daily substance use among homeless women of different ethnicities. *American Behavioral Scientist*, 45(1), 35-50.
- Pastorelli, C.; Steca, P.; Gerbino, M. & Vecchio, G. (2001). Il ruolo delle convinzioni di efficacia personale e genitoriale rispetto alle condotte delinquenti e all'uso di sostanze nel corso dell'adolescenza. *Eta evolutiva*, 69,80-87.
- Patias, N. D., Siqueira, A. C., & Dias, A. C. G. (2012). Bater não educa ninguém! Práticas educativas parentais coercitivas e suas repercussões no contexto escolar. *Educação e Pesquisa*, 38(4), 981-986.
- Poletto, M.; Wagner, T. M. C. & Koller, S.H. (2004). Resiliência e desenvolvimento infantil de crianças que cuidam de crianças: uma visão em perspectiva. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 20(3), 241-250.
- Pournaghash-Tehrani, S. & Feizabadi, Z.(2009). Predictability of physical and psychological violence by early adverse childhood experiences. *Journal of Family Violence*, 24(6), 417-422.
- Santos, A. C. W. D., & Moré, C. L. O. O. (2011). Repercussão da violência na mulher e suas formas de enfrentamento. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 21(49), 227-235.
- Santos, A. R. D., Marin, A. H., & Castoldi, L. (2013). Percepção de mães e adolescentes sobre a violência intrafamiliar por meio da construção do genograma. *Contextos Clínicos*, 6(2), 174-184.
- Sapienza, G.; Pedromonico, M. R. M. (2005). Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. *Psicologia em Estudo*, 10(2),209-216.
- Silva, M. R. S.; Lacharité, C.; Silva, P. A.; Lunardi, V. L. & Lunardi Filho, W. D. (2009). Processos que sustentam a resiliência familiar: um estudo de caso. *Texto Contexto - Enfermagem*, 18(1), 92-99.
- Silva Dahmer, T., Gabatz, R. I. B., Vieira, L. B., & de Mello Padoin, S. M. (2013). Violência no contexto das relações familiares: implicações na saúde e vida das mulheres. *Ciência, Cuidado e Saúde*, 11(3), 497-505.
- Tondowski, C. S., Feijó, M. R., Silva, E. A., de Paula Gebara, C. F., Sanchez, Z. M., & Noto, A. R. (2014). Padrões Intergeracionais de Violência Familiar Associada ao Abuso de Bebidas Alcoólicas: Um Estudo Baseado em Genogramas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(4), 806-814.
- Vieira, L. B., Cortes, L. F., Padoin, S. M. D. M., Souza, I. E. D. O., Paula, C. C. D., & Terra, M. G. (2014). Abuso de álcool e drogas e violência contra as mulheres: denúncias de vividos. *Rev Bras Enferm*, 67(3), 366-72.
- Wagner, A. e cols. (2002). *Família em cena: tramas, dramas e transformações*. Petrópolis: Vozes.
- Wareham, J.; Boots, D. P. & Chavez, J. M. (2009). A test of social learning and intergenerational transmission among batterers. *Journal of Criminal Justice*, 37, 163-173.
- Weber, L.N. D.; Selig, G. A.; Bernardi, M. G. & Salvador, A. P. V.(2006). Continuidade dos estilos parentais através das gerações: transmissão intergeracional de estilos parentais. *Paidéia*, 16(35), 407-414.

*Breaking off the Cycle of Violence in the Family:
Conceptions of Mothers who do not Reproduce
the Abuse Suffered in Childhood with Their Children*

ABSTRACT

According to national and international studies, experiences of child abuse contribute for adult psychological disturbs and tend to be transmitted from generation to generation. The aim of this study is identify the conceptions of mothers who suffered abuse in childhood about what help them do not reproduce abusive acts with their children. It has been performed an exploratory design qualitative study, from account of the life history of four women, identified in a preliminary study. Semi-structured interviews and the construction of family genogram were made to expand the analysis of the history of participants. The material was understood from the content analysis, in which the categories and subcategories were defined a posteriori. The results indicate that the existence of healthy identification patterns in the social support net, the mothering, the therapy process and the individual characteristics seem to be related to the resilience, being factors that can contribute for the breaking off of the violence pattern.

Keywords: Child abuse, factors of risk, resilience

Recebido em: 20/04/2015

Avaliado em: 14/08/2015

Correções em: 21/09/2015

Aprovado em: 30/11/2015

Editor: Vinícius Renato Thomé Ferreira